



A RELAÇÃO ALUNO SURDO E O PROFESSOR NA SALA DE RECURSOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SINOP - MT

Franciely Gomes dos Santos Siqueira*

Adil Antônio Alves de Oliveira**

RESUMO

Neste artigo estudou-se como ocorre o ensino com os alunos surdos dentro da sala de recursos, também denominada de Atendimento Educacional Especializado, na Escola Centro Educacional Lindolfo José Trierweiller, Sinop - MT. Inicia-se abordando como os surdos foram tratados historicamente pelas sociedades e como é conceituada a surdez. Os principais autores foram Oliver Sacks, Éden Veloso e Valdeci Maia. A metodologia deste trabalho foi a pesquisa qualitativa com o tipo observação participante. As entrevistas foram semiestruturadas e gravadas. As falas dos entrevistados foram essenciais e contribuíram muito para compreensão da pesquisa sobre aprendizagem dos alunos surdos de Sinop e uma visão mais elaborada e aproximada da realidade desses sujeitos.

Palavras-chave: Educação. Surdo. Sala de recursos. Ensino e Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa abordou a história dos sujeitos surdos, desde que eram considerados para a uma pequena sociedade do Egito seres adorados, como se fossem deuses, já para outras sociedades eram considerados irracionais, incapazes de pensar, deficientes humanos.

A falta da audição perante a sociedade, sempre foi um empecilho para o surdo participar e compreender situações, principalmente educativas diferentemente de pessoas ouvintes. Na sala de recursos, atualmente já existem muitos instrumentos para adaptar uma aula de

* Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem da UNEMAT - *Campus* Universitário de Sinop.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor concursado em Psicologia da Educação do *Campus* Universitário de Sinop.

qualidade para o surdo, mas é um processo que melhora gradativamente, ou seja, apesar de avanços na educação dos surdos ainda há muito o se que fazer no ensino para esses sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras da sala de recursos que atendem alunos surdos. Como fechamento do estudo da pesquisa, encontram-se as considerações finais, em que são abordadas algumas contribuições sobre os surdos na sala de recursos, as dificuldades encontradas pelos surdos, bem como, para os professores da área da deficiência auditiva. Os resultados esperados e coletados na pesquisa permitiram a avaliação de como ocorre a inclusão e o trabalho educacional para os surdos em condição especializada de uma escola municipal de Sinop - MT.

2 A RELAÇÃO ALUNO SURDO E O PROFESSOR NA SALA DE RECURSOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SINOP-MT

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA E AS EVOLUÇÕES NO SEU ATENDIMENTO

Ora, apresentaram-lhe um surdo-mudo, rogando-lhe que lhe impusesse a mão. Jesus tomou-o à parte dentre o povo, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e tocou-lhe a língua com a saliva. E levantou os olhos ao céu, deu um suspiro e disse-lhe: “Éfeta!”, que quer dizer “abra-te!”. No mesmo instante os ouvidos se lhe abriram, a prisão da língua se lhe desfez e ele falava perfeitamente. (BÍBLIA SAGRADA, Marcos, 7: 32-35).

Nas sociedades gregas e romanas clássicas, muitas pessoas que possuíam alguma deficiência, em grande parte eram exiladas, castigadas, humilhadas, tratadas como seres irracionais que não obtinham nenhum tipo de capacidade para viver perante a sociedade. O desconhecido, o diferente assustavam os povos da época que preferiam ignorar, salvando apenas os que os interessavam para agradar seus deuses.

Essa dimensão pedagógica humana, refletia, mais do que limites de compreensões das pessoas, estabelecia uma prática humana de negação de pessoas que tinham alguma ‘deficiência’ e não se ‘enquadravam’ aos modelos sociais vigentes. Ao longo da história, as pessoas com necessidades educativas especiais foram tratadas por modelos sociais como deficientes humanos, como pessoas incapazes de viver socialmente. Essa imagem do sujeito deficiente perseverava as relações humanas.

A relação da sociedade com a pessoa surda em diferentes épocas no mundo, do ponto de vista cultural e educacional, já desde a época a.C., entram em conflitos possibilitando alteração na maneira de ver e tratar a surdez. De acordo com Cavalari e Cavalin (2010, p.

133), ao tratar da história, no Egito antigo “[...] os Surdos eram adorados, como se fossem deuses, serviam de mediadores entre os deuses e os, “[...] respeitados pela população”. Ainda segundo os autores foi com os Hebreus que aparece a primeira referência aos surdos. Essa referência foi materializada na Lei Hebraica, com base na visão aristotélica sobre a surdez. Conforme relatam Veloso e Maia (2009, p. 28, grifo do autor) nos anos 384 a.C., o filósofo Aristóteles acreditava:

[...] que quando uma pessoa não verbalizasse, conseqüentemente não possuía linguagem e tão pouco pensamento. Dizia que: “de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento..., portanto, os nascidos surdos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”. Ele achava absurdo a intenção de ensinar o surdo a falar.

Compreende-se então que Aristóteles um grande filósofo, foi um dos estudiosos que considerava que o fato de uma pessoa não ouvir e por consequência não falar, a mesma também não tinha capacidade de pensar. Portanto, o surdo para tal não raciocinava, não aprendia, não obtinha nenhum tipo de conhecimento e razão, era um ser considerado inexistente.

Santo Agostinho, na sociedade medieval, emitiu opiniões sobre os surdos acreditando que homens e mulheres tinham filhos surdos para pagarem os pecados cometidos em vida. Stroebel (2008, p. 32) afirma que “os surdos sempre foram, historicamente, estereotipados como seres inferiores, pois afinal, faltava-lhes a propriedade essencial para a sociedade que é a linguagem oral e auditiva”. Na Idade Média havia opiniões divergentes entre vários países a respeito do indivíduo surdo. No fim da Idade Média começa a surgir mais trabalhos relacionados à educação de crianças surdas e de integrá-la a sociedade, porém ainda não era inclusão. Em 1453 Bartollo Della Marca d’Ancora foi o primeiro homem que acreditou e cogitou a possibilidade do indivíduo surdo aprender através da língua de sinais. Outros filósofos como Girolamo Cardano, Rodolfo Agricola e Melchor de Yebra, afirmavam que a surdez não era impedimento para aprender e defendiam que o melhor meio dos surdos aprenderem seria através da escrita e que inclusive era um crime não instruir os surdos.

Durante séculos passados as crianças com deficiências eram colocadas em salas especiais, no entanto, não eram separadas por deficiências, ou seja, nas classes havia crianças cegas, surdas, deficientes intelectuais e entre outras.

A partir da idade moderna, iniciava uma época mais próspera para os surdos, pois, já eram reconhecidos vários nomes de educadores para surdos, como também instituições para os mesmos. De acordo com Oliver Sacks (1989, p. 37):

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos, testemunhou a rápida criação de escolas para surdos em todo o mundo civilizado; a saída dos surdos da negligência e da obscuridade; sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade - escritores, engenheiros, filósofos e intelectuais surdos, antes inconciliáveis, tornaram-se subitamente possíveis.

Portanto, a educação especial para os surdos se transforma gradativamente e é aos poucos modificada pela sociedade, bem como, por grandes filósofos, educadores e estudiosos.

2.2 O ATENDIMENTO PARA DEFICIÊNCIA AUDITIVA PELA SOCIEDADE E PELAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

O povo surdo sempre existiu, e sua história evolui continuamente. No passado, pela falta de conhecimentos, por observarem um indivíduo diferente que não ouvia, diferenciados dos demais, durante os vários processos de desenvolvimento histórico, os surdos não eram respeitados e pior, muitas vezes nem mesmo eram tratados como seres humanos pelo simples fato de não ouvirem, o que na antiguidade não era compreendido.

Estudar e analisar a história da educação dos surdos faz com que compreendamos que ela se evoluiu apesar de passar por vários momentos marcantes, como crises, tratamentos desumanos e outros. No entanto, também tiveram momentos históricos caracterizados por mudanças, seguidos de oportunidades e conquistas que permanecem em desenvolvimento até hoje.

Com o passar dos tempos, a maior compreensão do povo sobre a deficiência auditiva contribuiu para novos pensamentos sobre os surdos. Que assim como os surdos economicamente considerados pela sociedade mais ricos eram oportunizados ao aprendizado, os surdos considerados pobres também deveriam frequentar um ambiente específico, como uma escola especial. Acreditavam que era o local mais apropriado para os alunos que apresentassem qualquer tipo de deficiência. Essa visão permaneceu por um longo período, mas, estudos pedagógicos e recursos humanos fez surgir legislações e modificar a prática de ensino tanto nas escolas especiais quanto regulares. Luchesi (2003, p. 18) aborda que:

[...] ainda que existam avanços na educação especial para deficientes auditivos, observo que ainda hoje prevalece a concepção abstrata do ser humano, uma vez que estamos sempre discutindo um modelo ideal de pessoa surda – ou aquela que fala, ou aquele que é fluente em língua de sinais.

A ausência da comunicação oral muitas vezes pode ser o empecilho da interação com os ouvintes. Segundo Santos, Lima e Rossi (2003, p. 17): “A audição, é o meio pelo qual o

indivíduo entra em contato com o mundo sonoro e com as estruturas da língua que possibilitam o desenvolvimento de um código estruturado, próprio da espécie humana”. E ainda os autores completam “A deficiência auditiva é caracterizada como um problema sensorial não visível, que acarreta dificuldades na detecção e percepção dos sons e que, devido à natureza complexa do ser humano, traz sérias consequências ao indivíduo”.

Ainda existem muitos surdos que não tem o domínio da língua de sinais. Talvez pela não aceitação da família relativa à surdez, o diagnóstico da deficiência, por desconhecer a língua de sinais e acabam por usar de gestos caseiros. Ou seja, ainda que haja avanços, que a educação dos surdos esteja evoluindo, um modelo ideal nunca haverá, pois, sempre estará em processo de construção, uma vez que falamos de uma língua que vive em constante mudança como qualquer outra.

2.3 A ESCOLA INCLUSIVA E O ATENDIMENTO DO ALUNO SURDO NA SALA DE AULA E DE RECURSO

Desde muito cedo crianças ouvintes tem a influência e estimulação da comunicação oral de seus genitores, bem como, através do meio em que vive. O adulto oportuniza para que linguagem da criança se desenvolva, interagindo com a mesma. Já, crianças surdas filhos de pais ouvintes, não vivem as mesmas oportunidades e as mesmas estimulações e interações de sua família, fato que torna ainda mais complexo o desenvolvimento cognitivo da criança. Para tanto, na história registrada sobre a educação dos surdos mostra-nos que sempre houve muitos desafios em suas vidas, principalmente para a comunicação com o próximo e para serem inseridos no meio escolar, isto, devido à resistência da sociedade em compreender as formas de comunicação e aprendizagem dos surdos.

A declaração Salamanca 1994, defende que todas as crianças possam aprender juntas, independentemente das dificuldades que cada uma possa ter. É nesse sentido que a partir de então escolas inclusivas e especiais se estruturam. Assegurar que todos os alunos independentemente de suas necessidades especiais tenham oportunidades homogêneas, educação de qualidade, é um processo importante e que sempre necessitará de adaptações e melhorias para incluir o aluno na escola. Mas, além de incluir, a política educacional também deve garantir que o indivíduo ao entrar na escola, permaneça. Trabalhar condições que o sujeito com algum tipo de deficiência ou não, permaneça em um ambiente escolar de acordo com a realidade de sua vida e com suas necessidades educacionais compreendidas e atendidas para seu desenvolvimento.

O Atendimento Educacional Especializado, surgiu para completar o ensino à educação comum, para atender crianças diagnosticadas com algum tipo ou grau de deficiência e especificidade. Também se diferencia pelo objetivo de criar propostas e alternativas para mudar desigualdades existentes entre alunos especiais e alunos ditos ‘normais para que todos tenham o nível de aprendizado mais próximo possível sem excluir e julgar.

O atendimento para alunos com deficiência auditiva e outras deficiências, recebem atendimento em horários diferenciados, portanto, oposto ao horário da sala de ensino regular. O atendimento traz ao aluno a oportunidade de aprender mais assim como os outros alunos da sala regular. Ao se tratar especificamente ao sujeito com deficiência auditiva ou surdo nas salas de atendimento especializado, Mirlene Damázio (2007, p. 26), afirma que:

O planejamento do Atendimento Educacional Especializado é elaborado e desenvolvido conjuntamente pelos professores que ministram aulas de Libras, professor de classe comum e professor de Língua Portuguesa para pessoas com surdez. O planejamento coletivo inicia-se com a definição do conteúdo curricular, o que implica que os professores pesquisem sobre o assunto a ser ensinado. Em seguida, os professores elaboram o plano de ensino. Eles preparam também os cadernos de estudos do aluno, nos quais os conteúdos são inter-relacionados.

A interação desses profissionais para obterem um bom planejamento é primordial para a aprendizagem do aluno surdo, pois, na sala de aula comum mesmo com um intérprete de sinais e mesmo que o professor regente entenda Libras, língua portuguesa é um desafio constante, pois, o som, as letras existentes na língua dificilmente são compreendidas pelo surdo. Por isso a importância de uma espécie de “reforço” na sala de recursos principalmente da língua portuguesa. “A organização didática desse espaço de ensino implica o uso de muitas imagens visuais e de todo tipo de referências que possam colaborar para o aprendizado dos conteúdos curriculares em estudo, na sala de aula comum.” (DAMÁZIO, 2007, p. 26).

3 METODOLOGIA DESTE TRABALHO

A metodologia desenvolvida neste trabalho foi a pesquisa qualitativa, que iniciou no primeiro semestre do ano de 2013. Para ter uma melhor compreensão da pesquisa utilizamos como proposta, a análise qualitativa através da observação participante. Triviños (1987) afirma que a observação direta ou participante, ocorre por meio do contato, observação direta do sujeito pesquisador para com o observado, seja para recolher as ações e informações objetivadas dos sujeitos em seu contexto natural diante de sua problemática, a partir de suas perspectivas e seus pontos de vista.

As entrevistas foram questões semiestruturadas, aplicadas para três alunos que frequentam semanalmente a sala de recursos, num espaço dedicado especialmente ao atendimento aos alunos surdos e também para duas professoras que atendem esses alunos da escola. Na instituição, a sala de recursos que oferece atendimento especializado para o surdo que garante além da professora de L2 (língua portuguesa para surdos) e a intérprete de sinais, ambas, com formação acadêmica e qualificação na área, outra professora também com certificação para atuar na sala de recursos, trabalhando com os alunos aulas em Libras, mas, não foi possível entrevistá-la, pois, durante o período da pesquisa apresentava atestado médico.

A instituição pública de ensino pesquisada foi o Centro Educacional Lindolfo José Trierweiller. A escola se localiza na Avenida dos Ingás, nº 3001, centro. Atende atualmente oito alunos com diagnóstico de surdez e todos eles frequentam a sala de recursos em horário oposto ao do horário do ensino regular.

A escolha desta instituição, deu-se a partir da indicação da própria Secretaria Municipal de Educação do município de Sinop - MT, afirmando que entre tantas escolas municipais existentes na cidade que recebem crianças surdas e deficientes auditivas, somente duas escolas municipais atendem da forma mais próxima do adequado. No intuito de preservar os sujeitos envolvidos na pesquisa, foi utilizado nomes fictícios.

4 AS RESPOSTAS ENCONTRADAS E POSSÍVEIS ANÁLISES DESSE DIÁLOGO INVESTIGATIVO

4.1 PROFESSORES

As professoras da instituição pesquisada atendem alunos surdos e deficientes auditivos, sendo que a professora de L2 atende especificamente na sala de atendimento educacional especializado. Já a professora intérprete de sinais atende na sala do ensino regular. Para tanto, segue abaixo os seguintes resultados:

1-Quais são as dificuldades/facilidades existentes no processo de aprendizagem do surdo?

(01) Professora Jasmim: Uma dificuldade que a gente sente é a falta de pesquisas, mas pesquisas bem centradas na prática aqui na escola, num tempo válido, os pesquisadores devem sentir a situação do dia-a-dia. São poucos os estudos que tiveram direcionados pra

cada surdo na sala de aula. Devem estudar os surdos desde aquele aluno pequenino na creche, na educação infantil.

(02) Professora Margarida: Existem muitas dificuldades, uma delas é a aceitação da família em relação à surdez, a família que muitas vezes não aceita, não busca recursos para o filho e ainda proíbe o uso de sinais e é complicado, porque isso vai refletir no aprendizado do aluno surdo na escola. E as facilidades é que hoje apesar da dificuldade da identidade, de conhecer a Libras, a cultura do surdo, hoje, são oportunizados cursos de Libras, existem mais recursos visuais na sala de aula, Faculdade de Letras/Libras especialmente para os surdos, quer dizer, já há um avanço que é lento, mas já é um começo.

A professora Jasmim, afirma que as pesquisas sobre os indivíduos surdos não devem ser superficiais, apenas baseadas nas histórias de livros por exemplo. Devem estudar o que realmente o surdo necessita, quais as suas reais dificuldades de aprendizagem, socialização e para isso é necessário os pesquisadores conviverem diariamente com esse aluno, conhecer a prática que ele vive desde a creche para que o problema futuramente, não seja ainda mais complexo para o surdo e para as instituições de ensino. Para Damázio (2007, p. 14), “A inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe desde cedo utilizar os recursos que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares”.

A professora Margarida aponta uma grande problemática na vida do sujeito surdo, a aceitação da família. Muitos não admitem, se revoltam ou se envergonham, para assumirem seus filhos/parentes com a surdez, o que implica complexidade na vida social, psicológica e afetiva do surdo. Pois, se a família aceita, busca recursos tanto da medicina, quanto da língua de sinais e também se torna bilíngue, será muito mais fácil o surdo ser bem aceito e incluído na sociedade e não se sentirá tão ignorado, pois as pessoas que ele mais ama e são mais próximas, o compreendem e é compreendido.

Segundo Rinaldi (1997, p. 102), “Os pais ficam arrasados, decepcionados, frustrados, revoltados, ficam ansiosos, angustiados, têm sensações de impotência, de incapacidade, insegurança, e culpa, porque se sentem, em parte responsáveis pela deficiência”.

As facilidades abordadas pela professora, de acordo com as vivências que têm diariamente com os surdos, estão em um processo de mudança e progresso e já é possível

perceber desenvolvimentos, embora, ainda o ensino para eles seja extremamente escasso. Para tanto, Skliar (1998, p. 7) aborda que:

A mudança registrada nos últimos anos não é, e nem deve ser, compreendida como uma mudança metodológica dentro do mesmo paradigma da escolarização. O que está mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno de sua língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e a adultos ouvintes, etc.

5 CONCLUSÃO

As leis sancionadas para atenderem e melhorarem a qualidade de vida dos surdos são recentes na história, estas, garantem um profissional intérprete de sinais nas salas de ensino regular, salas de atendimento educacional especializado, e após, a maior das conquistas, uma língua oficial para os surdos do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), garantida em 2002, em que é considerada como a língua materna dos surdos, diferente da língua materna dos ouvintes, a língua portuguesa.

Porém, é necessário que o surdo saiba a estrutura da língua portuguesa para se apropriar do vocabulário da LIBRAS. Mas, muitas vezes pela falta de materiais visuais, ou seja, recursos, pela falta de profissionais com formação acadêmica e qualificação na língua de sinais, pela não aceitação da família, enfim, grande parte dos surdos passam a obter um vocabulário defasado, tanto na língua portuguesa quanto em sua própria língua materna. Em relação a não aceitação da família do surdo, Rinaldi (1997, p. 103), aponta que: “Os pais devem saber quais os passos a seguir e procurar os serviços oferecidos pela comunidade, os direitos dos portadores¹ de deficiência, além de seus próprios direitos.”

Por tanto, apesar dos avanços de desenvolvimentos que já ocorrem na história de vida dos surdos, diante dos resultados da pesquisa estudada, pode-se perceber que os indivíduos surdos ainda não são completamente incluídos pela sociedade e que essa comunidade ainda terá que enfrentar muitas dificuldades até que os ouvintes compreendam que o fato de não ouvir só leva um tempo maior para uma criança ou um adulto aprender, mas é possível, os surdos tem a mesma capacidade e direito de se desenvolverem que os ouvintes.

THE RELATIONSHIP DEAF STUDENT AND TEACHER IN THE RESOURCE ROOM IN A PUBLIC SCHOOL IN SINOP – MT

¹O termo ‘portadores’ de algum tipo de deficiência hoje não são mais utilizados, para os surdos, usa-se deficientes auditivos ou surdos.

ABSTRACT²

In this article it was studied how the teaching for deaf students occurs in the resource room, also called Specialized Educational Service, at the School Educational Center Lindolfo José Trierweiller, Sinop - MT. It starts addressing how the deaf have been treated by society historically and how it is conceptualized deafness. The principal authors were Oliver Sacks, Eden Veloso and Valdeci Maia. The methodology of this study was qualitative research through participant observation. The interviews were recorded and semistructured. The interviewees' statements were essential and contributed greatly to the understanding of deaf students' learning from Sinop and a deeper and approximate view of the reality of these subjects.

Keywords: Education. Deaf. Resources room. Teaching and learning.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Marcos. 67. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007.

CAVALIN, Viviane Aparecida; CAVALARI, Nilton. **A história da educação dos surdos e a problemática da inclusão escolar**. 2010. Disponível em: <<http://www.ucpparana.edu.br/cadernopos/edicoes/n1v2/10.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2013.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DAMÁZIO. Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília, SEESP, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_da.pdf>. Acesso em: 12 jun 2013.

PROFESSORA JASMIM. **Professora Jasmim**: depoimento [18 jun. 2013]. Entrevistadora: Franciely Gomes dos Santos Siqueira. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o professor em sala de aula.

PROFESSORA MARGARIDA. **Professora Margarida**: depoimento [19 jun. 2013]. Entrevistadora: Franciely Gomes dos Santos Siqueira. Sinop, 2013. Entrevista concedida para Trabalho de Conclusão de Curso sobre o aluno surdo e o professor em sala de aula.

RINALDI, Giusepe. **Programa de capacitação e recursos humanos do ensino fundamental deficiência auditiva**. Brasília: SEESP, 1997.

² Traduzido pela professora Ariane Macedo Melo (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

STROEBEL, Karin Lilian. **História da educação dos surdos**. Apostila elaborada para disciplina de curso de licenciatura de Letras/Libras. UFSC, Florianópolis, 2008.

SANTOS, Maria Francisca Colella dos; LIMA, Maria Cecília Marconi Pinheiro; ROSSI, Tereza Ribeiro de Freitas. Surdez: Diagnóstico Audiológico. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (Org.). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus, 2003.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELOSO, Éden; MAIA, Valdeci. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: MãoSinais, 2009.